

séc. II, a. C. Perpassando todas as referências às quais me julguei autorizado a recorrer, em presença da cerâmica de estilo curvilíneo, procedente do Coto da Pena, a baliza mais distante que teóricamente seria imprudente transpor, encontramos-a no séc. VI a. C., mas os mais prováveis confrontos oscilam entre os sécs. IV-III, e num ponto, onde os vestígios da habitabilidade são tam limitados, não é lógico suputar longa permanência duma tribo, que já devia conhecer o ferro e que provavelmente, aos primeiros ecos da invasão de D. J. Bruto, se acolheu a reduto mais tranqüilizador. Em todo o caso, tendo em consideração que em Sabroso ainda aparece muita cerâmica de estilo rectilíneo, o Coto da Pena deve ser considerado menos antigo que esta clássica estação.

Marcado este ponto arqueológico na região, que o meu dedicado pesquisador P.^e Saraiva de Miranda tem insistentemente palmilhado, passaremos a outros não menos interessantes, que serão objecto das seguintes notícias.

Lisboa, Junho de 1915.

F. ALVES PEREIRA.

A este estudo, de que não tiro *separata*, pertence o n.º XVII de série 1.^a (*Estudos do Alto-Minho*).

Segunda exploração arqueológica do Outeiro da Assenta (Termo de Óbidos)

Em uma região muito ondulada por outeiros que se socaleam até os pináculos das Linhas de Tórres, e entremeada de vales extensos e largos, levanta-se duma forma imponente o Outeiro da Assenta.

Fica situado ao NO. da «mui notável e sempre lial vila de Óbidos»¹, distante dela uns escassos 2 quilómetros, sobre o lado direito da estrada que leva da vila para a Lagoa de Óbidos. Ergue-se a cêrca de 100 metros de altitude, e é constituída por uma grande mole de calcáreo jurássico². Com uma secção de ellipse irregular, alonga-se na direcção de NO.-SE. A vortente virada a E. apresenta um acesso difficil nos sítios onde as aluviões estenderam ladeiras íngremes, e

¹ *As cidades e vilas da monarchia portuguesa que tem brasão de armas*, por J. Vilhena Barbosa, 1860, II, pp. 97 sgs.

² *Carta Geológica de Portugal* da Direcção dos Trabalhos Geológicos, por J. F. Nery Delgado e Paul Choffat.

intransitável na mor parte do seu desenvolvimento, constituída, como está, por muralha de penedia que se enruga, e se corta a prumo. A vertente virada ao mar tem, porém, ascensão fácil. Igualmente está num acesso custoso o esporão apontado para o SE., onde há uma gruta envolta na lenda local sob o nome de *Gruta da Moira*.

Em visita preliminar que fiz ao Outeiro da Assenta, encontrei-me em campo com o Sr. Dr. Félix Alves Pereira. Este erudito arqueólogo fizera, quando Conservador do Museu Etnológico Português, a primeira exploração do Outeiro; e era de fôrça e dever que eu obtivesse d'ele informação precisa.

Ora, uma das escavações anteriores fôra aberta no cimo do Outeiro, à borda de uma seladura em que a cumiada se quebra. A pesquisa ficara incompleta, e cabia-me concluí-la. Por aqui iniciei, pois, o trabalho da minha exploração, que assim foi a segunda do Outeiro da Assenta (Vala n.º 1).

Depois, procedi a diversas sondagens na esplanada. Ia caminhando progressivamente por linhas paralelas entre si, ao comprido e ao través. Quando esta série de escavações ficou concluída, desci a vertente voltada ao O.; rebusquei as lapas que parecia terem indício de utilização preistórica, atendendo em todo o caso aos estragos e novos buracos produzidos pela extracção de pedra para construções mais ou menos recentes. Os furos de sondagem atingiram um total de 14; as valas de escavação alargada foram 6 (Valas n.ºs 2 a 7). Só estas produziram espólio arqueológico de monta, porquanto aqueles não passaram de estéreis óculos de rebusco e exame.

Os resultados da exploração foram bem diferentes de uma para outra vala, tanto pela quantidade e qualidade dos objectos recolhidos, como pela indicação cronológica fornecida pelos objectos extraídos.

Vala n.º 1

Esta vala não foi mais que o alargamento e conclusão da escavação efectuada, tempos atrás, pelo Sr. Dr. Félix Alves Pereira, no alto do monte¹. Descrevia um arco de círculo aberto a NO., com um dos extremos à beira da seladura formada pela cumiada, e o outro a tocar na aresta de indício de pendôr da vertente caída ao O. Tornou-se necessário repor a cova no estado em que a primeira exploração a deixou; os pedregulhos arrancados então, e as terras ex-

¹ Cf. in *O Arch. Port.*, xix, 144, a ligação d'este estudo com o do Sr. Felix Alves Pereira.

traídas, haviam sido postos de maneira que a obstruíam. Uma vez limpa essa cova primitiva, seguiu-se a operação de rasgamento do terreno, por golpes verticais. A profundidade da terra oscilava entre 0^m,70 e 1^m,20. A estratificação geológica era composta desta forma:

1.^a camada: espessura média de 0^m,29:—húmus;

2.^a camada: espessura média de 0^m,60:—jazigo de entulho com detritos, barro, cereais, cinzas e carvões, matacões irregulares;

3.^a camada: espessura média de 0^m,15, até bater na rocha:—terra negra e seca.

A sobreposição arqueológica estava sem regra nem seqüência. A 1.^a camada, pouco menos de estéril, apenas rendeu um que outro fragmento de cerâmica, e um punhado de conchas, tendo sido ainda alguns destes objectos levantados à superfície; e isto era devido, além do efeito da escavação antecedente, ao amanho da terra para pequena cultura; a 2.^a camada continha tudo o que no local podia fornecer documentação histórica, muito embora a sucessão arqueológica se não definisse; aí estavam de mistura cacos neolíticos, fragmentos de enormes talhas dos *castros*, e pedaços de barro arretino; da 3.^a camada exumaram-se, em diminuta abundância, objectos que concordavam com os da camada imediatamente superior. O espólio da vala residia, assim, na 2.^a camada.

a) CERÂMICA.—Extraíram-se com abundância fragmentos de talhas enormes. A pasta, homogénea e dura, denuncia a sobrecolocação de camadas de barro, tendidas grosseiramente durante o fabrico pela roda, a fim de obter maior espessura, que se coadunasse com as avultadas dimensões dos vasos. A fractura é recortada e sedimentada. O barro empregado é branco-cinzento, cinzento-negro, vermelho e preto. Os bordos mostram, pela sua diversidade, como eram vários os modelos da olaria, a espessura das talhas e as dimensões. As asas mamilares, anulares, trapezoidais, uma das primeiras com um mamilo suplementar, são fortes, grossas e compactas. A falta de fundos de vaso indicará o arredondamento das bases, segurando-se as talhas por meio enterramento parcial, maior ou menor.

Em alguns cacos não aparece ornamentação. Noutros é diversa, pôsto que a riqueza não seja nada grande. Predomina como estilo do lugar o motivo do zig-zague contínuo de ângulos curvos e eixos oblíquos, os ramos paralelos, encerrado entre duas linhas paralelas horizontais (fig. 1). Estas cintas sobrepujam-se, ou são isoladas; no primeiro caso, a linha inferior, quadriculante da cinta de cima, serve de encaixe superior da cinta de baixo; e os ramos dos ângulos, de vértices rombos, ou são paralelos em correspondência mútua, verti-

calmente, ou invertem-se, conservando porêem neste caso a simetria em relação aos de cima, ou formam séries discordantes em absoluto. Estes ornatos são simples na quasi totalidade; em um fragmento vêem-se duas cintas em contacto, e, sob a linha da base inferior, tem uma ordem de marquilhas de um círculo só, e de $0^m,004$ de diâmetro; êste mesmo conserva o bordo revirado e desenvolvido, que ostenta no recurvamento superior, em toda a volta, um renque de marquilhas iguais, de $0^m,002$ de diâmetro, e na dobra exterior um outro de marquilhas de $0^m,003$. Um segundo fragmento mostra duas fiadas de marquilhas de $0^m,004$, dispostas de um e outro lado da linha divisória de duas cintas de ziguezagues (fig. 2). As marquilhas foram, pois,



Fig. 1

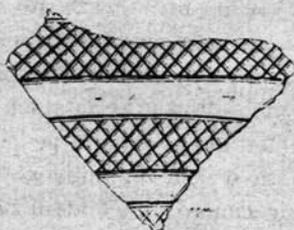


Fig. 5

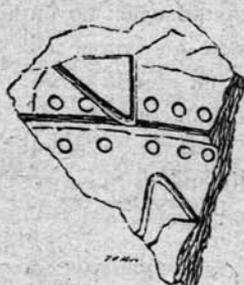


Fig. 2

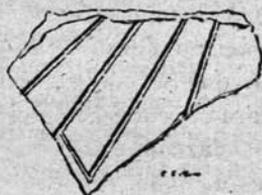


Fig. 3



Fig. 4

feitas com utensilio diferente, constante para cada fiada; ou foram-nô com o mesmo tronco-cônico, a profundidade variada, o que pela regularidade da fiada será menos provável, talvez; em todo o caso, o instrumento de serventia era duro, como se vê pela viveza das arestas.

Em segunda colleccão de cacos, que tem pasta idêntica, há um sistema ornamental com o predomínio da linha recta. São traços irregulares, parecendo divergirem de um ponto afastado, e sem distâncias guardadas entre si, com o risco inseguro (fig. 3); num fragmento, de vaso fabricado à roda, aparece um xadrez de paralelogramos obliquângulos, de $0^m,045$ de comprido por $0^m,031$ de alto, sobrepostos (fig. 4); outro tem ornamentação de ziguezague contínuo de ângulos

agudos e eixo vertical, limitado por duas linhas horizontais, que fecham a cinta; e mais dois fragmentos de um mesmo vaso, (um deles pertencente ao bordo, o segundo ao bôjo), tem a decoração feita de faixas paralelas de um xadrez de losangos, interpostas de espaços iguais, lisos, das quais se vêem três no caco do bôjo (fig. 5).

Todos estes fragmentos pertenceram a talhas de cereal. Encontrava-se, de facto, unida a êles, massa de cereal aglutinado que a humidade decompôs, e com a terra se empastou. Êsse cereal, muito abundante, era trigo e aveia ali guardados em celeiro, para o fabrico da farinha de que se fazia essa pasta grosseira, cozida, sem fermento, em cima de pedras quentes pelo fogo, de que fala Estrabão. A fragmentação dos vasos, e o número avultado, não consentiam uma recomposição; no entanto, definiam-se dimensões e formas, pela arca-tura dos bojos, pela fôrça espessa das asas, pela grossura dos bordos e seu alçado largo, pela corpulência das paredes, como pelo pequeno pronunciamento dos colos.

Havia, e recolhi-os, numerosos pedaços de vasos de barro de dimensões menores e de outro uso. Alguns bordos indicam terem pertencido a vasilhas, malgas, taças de maior ou menor covô. Uns



Fig. 6

são neolíticos fabricados à mão, grosseiros, de pasta mal cozida e misturada com carvão, ou semeada de grânulos de quartzo; outros, do último neolítico, esboçam ornamentação naturalista; outros decalcados em molde, da idade do brônze, mostram pasta mais afieçoada, mas fabrico ainda grosseiro, e má cocção;

os derradeiros, trabalhados à roda castreja, são cuidados, alguns ainda rudes. Dos trabalhados à roda, uns são polidos outros conservam aspereza. O barro é vermelho ou cinzento escuro. Poucos dêstes fragmentos tem ornamentação. De ordinário esta louça, destinada a transporte e uso contínuo, é lisa. Há porém: sinais de adaptação de tecido muito rude; estrias; caneluras impostas ao molde; cordões de incisões miúdas feitas à ponta, independentes, e em linha contínua; ângulos a esmo, sem orientação, apenas para encher decorativamente o espaço limitado superiormente por uma canelura do antecolo (fig. 6); ângulos agudos, lisos, cercados de sinuosidades que formam tranças verticais, feitas a punção (*dents de loup*, etc.).

Uma taçazinha neolítica de barro vermelho, como as de Sabroso, achada aqui, tem um fabrico muito irregular, granuloso, as paredes nodosas, o fundo convexo; a espessura cresce de cima para baixo, e a taça mede 0^m,05 de bôca e 0^m,04 de altura.

Levantei algumas esquirolas, e cacos pequenos, de louça arretina.

PESOS DE TEAR.—Um completo, de quatro orifícios nos cantos, faces planas, regulares, tem secção rectangular, mede 0^m,175 por 0^m,082; dois fragmentos de pesos, iguais ao primeiro, apareceram no mesmo sitio. São semelhantes aos de S. Mamede e aos de Pragança.

PENDELOQUE DE BARRO.—Foi encontrado um pendeloque de forma amigdalóide, alongada, de secção circular, perfurado ao longo do eixo maior, semelhante aos dos túmulos de Remedello (eneolítico). Mede 0^m,042 de comprimento, e 0^m,025 de diâmetro na maior espessura. Cf. Colini, «Remedello», in *Bulletino Paletnologico Italiano*, ano XXIX, p. 81, fig. 146. Para a abundância e extensão destes adornos, vid. Angelo Mosso, *Le Origini del Civiltà Mediterranea* (Milano, 1910), p. 133.

PESOS DE FUSO (COSSÓIROS).—Apareceram dois: o primeiro, de barro preto, é grande, dos do tipo do castro de Pragança, em forma de calote esférico, com a base côncava no meio, e ornada de uma canelura perimétrica; mede 0^m,052 por maior largura, e 0^m,024 de altura entre horizontais extremas; o segundo, de barro cinzento, é de base plana e mede apenas 0^m,28 e 0^m,016.

b) **OBJECTOS DE PEDRA.**—Eram abundantes os núcleos de sílex, neolíticos, de pequenas dimensões, e algumas lascas minúsculas da mesma pedra, que aparecia de cor vária e de bela pátina. Encontravam-se lâminas de facas, de tamanho reduzido à expressão das mais pequenas dos kjoekkenmoeddings. No fundo da camada do entulho foi erguido um machado polido, de tamanho exíguo, coberto de incrustações calcáreas. É de xisto anfibólico, tem a forma de um triângulo esférico achatado, o gume bem acerado, a secção elíptica alongada; fora dos pontos incrustados, está bem polido; mede 0^m,048 de largura máxima, por 0^m,065 de altura, e 0^m,002 de espessura. Houve mais dois fragmentos de machados: um trapezoidal, de secção rectangular, é a metade que pertence ao gume de um machado de anfibolite; o outro é tronco-cónico, alongado, pertencente à parte superior de um machado também de anfibolite. De pedra apareceram mais: parte de um percutor de calcáreo mui duro, com incrustação calcárea e com sinais de uso: um seixo achatado, com um flanco bastante gasto, que certo serviu de alisador ou polidor.

c) **OBJECTOS DE METAL.**—De metal, apenas appareceu um arco de bronze, maciço, talvez fragmento de xorca.

d) **RESTOS DE COZINHA.**—Misturavam-se na camada: ossos de animais domésticos, e de caça miúda, como o coelho; ossos de gado corpulento, como fêmures, tibias, rótulas de bovideos; valvas de mo-

luscas, como: *Ostrea edulis*, *Tapes*, *Cardium*, *Pectunculos* e *Patella*¹. Do esqueleto humano só encontrei um dente molar. Vestígios vegetais, havia a massa cerealífera que se aglutinara contra os fragmentos das talhas castrejas. Além disso, via-se madeira carbonizada, pedaços de carvão e cinzas.

Vala n.º 2

Esta segunda vala ficava a 20 metros da anterior, sobre a linha média da esplanada. Não havia estratificação geológica nem arqueológica. A profundidade andava entre 0^m,20 e 0^m,60.

a) CERÂMICA.—Os cacos encontrados aqui pertenciam a vasilhas de pequenas dimensões. Por duas asas, uma cilíndrica e recta, a outra de secção elíptica; e de desenvolvimento curvilíneo, observa-se o fabrico bem cuidado, a forma já buscada, e as dimensões leves. A posse de fragmentos completa e exemplifica a observação. A vala deu alguns cacos de louça castreja, ornamentada ou não, que se formava de vasos de asas, malgas de bordo delgado e galba pequena, caçoulas mais grossas. Acharam-se asas cilíndricas de um fuste, e de dois fustes unidos.

Apareceram em basta quantidade fragmentos de barro arretino. São bordos de páteras, de malgas de dimensões reduzidas, de taçazinhas de bojo elegante, e fundos de todos estes vasos. Alguns destes pedaços de *terra sigillata* estão ornamentados com motivos feitos com relevo. No mesmo jazigo vieram a lume numerosos pedaços de um barro fumigado, fino, cuja qualidade e aspecto se assemelham com os fragmentos de cerâmica dos Gregos, achados por Estácio da Veiga em Monte Molião; seria imitação romana, ou objecto de importação de louça grega, por intermédio dos Romanos. De mistura com estes exemplares de cerâmicas diversas, surgiram amostras de barro esbranquiçado, amarelado e vermelho, dos Luso-Romanos; são asas, gargalos, bordos, bojós, cacos incertos, sem decoração.

Por fim levantei uma cápsula de barro neolítico, mui grosseira e nodosa, espessa, como contraste curioso com a perfeição da cerâmica manifestada no mesmo sítio. Era uma dessas taçazinhas que Cartailhac diz serem objectos infantis, ou servirem para perfumes², como poderiam também utilizar-se para receptáculos de óleos, gorduras, ou tintas, ou até serem o antecessor das candeias fechadas.

¹ Cf. *Comunicações da Direcção Geral dos Trabalhos Geológicos*, t. II, p. 2, artigo do Sr. Paul Choffat.

² Cartailhac, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, p. 107.

Mede 0^m,04 de diâmetro no bordo, e 0^m,02 de côvo, e é de barro escuro.

PENDELOQUE.—Houve um da forma de um amigdalóide, feito de barro negro; tem secção circular, e mede 0^m,05 de comprimento por 0^m,25 de diâmetro na secção. Cf. o da 1.^a vala.

PESOS DE FUSO (COSSÓIROS).—Apareceu um de barro cinzento do tipo de Pragança, com a forma de duas calotes esféricas, sobrepostas pelas bases; a calote inferior está anelada por um sulco, e o seu polo é côncavo, a descer para o furo do cossoiro; mede 0^m,043 de diâmetro por 0^m,022 de altura (g. 7). Apareceu um segundo cossoiro do mesmo tipo, mas reduzido a metade, com 0^m,041 e 0^m,019 respectivamente.

VIDROS.—Apenas foi levantada uma conta pequena de vidro; a superfície está alterada, mas por transparência tem a côr amarelada de âmbar.

b) **OBJECTOS DE PEDRA.**—Encontraram-se alguns pedaços de sílex, núcleos e esquirolas. Também apareceu um percutor, arranjado num calhau rolado com indícios de labor.

c) **OBJECTOS DE METAL.**—São desta vala: uma rêguazinha de bronze de lados paralelos, e de secção trapezoidal como as espessas facas de sílex do período neolítico, que mede 0^m,035 de comprido, por

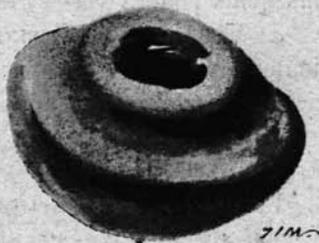


Fig. 7



Fig. 8



Fig. 9

0^m,012 de largo, 0^m,005 de espessura; uma lâmina de bronze de punhal, lados concorrentes em ponta que estaria à distância de 0^m,08, e com indícios de prisão com o punho: um pedaço de ferro, informe, cheio de ferrugem; uma fibula (fig. 8) de aro muito angular, sem mola nem fusilhão, o pé com a goteira dobrada, que se prolonga por uma cauda recta, e longa, encostada ao aro; êste é roliço, e ornamentado com anéis incisos, consecutivos; pertence ao tipo das fibu-

las do Castelo de Pragança (2.^a idade do ferro, La Tène 1). Apareceu também uma fivela castreja de aro roliço, que tem espessura decrescente do anel do fusilhão, roliço também, até a abertura da circunferência do aro (fig. 9); como as fivelas de Sabroso o fusilhão prende-se por um anel simples; as extremidades do aro não se curvam a formar espira de enfeite¹. Separadas, dentro da mesma vala, foram retiradas duas moedas romanas de bronze, desgastadas, numa das quais poderá ver-se, mas indistinto, um busto à direita.

a) VESTÍGIOS DE COZINHA. — Os ossos eram raros, mas apareciam dentes grandes de herbívoros, e algumas valvas pequenas das espécies enumeradas, no capítulo correspondente, da vala n.º 1.

Vala n.º 3

Ficava a poucos metros da antecedente, com a mesma fundura, e igual ausência de estratificações.

a) CERÂMICA. — Aparecia um ou outro caco do tipo dos castros, com e sem ornamentação, a pasta aperfeiçoada, lisos e polidos, ou de face áspera; havia muitos fragmentos de barro arretino, e algum fumigado, do tipo *buchero fino*, e outros de fabrico indígena dos Luso-Romanos.



Fig. 10



Fig. 12



Fig. 11

b) OBJECTOS DE PEDRA. — Eram: refugo de sílex; pedaços de lâminas de faca; uma faquinha de sílex vermelho de 0^m,052 de comprimento, com os lados bem retocados e convergentes, a secção irregular e descontínua (fig 10); uma ponta de dardo, de sílex branco-rosado,

¹ Vid. *O Arch. Port.*, ix, n.º 1 e 2, artigo do Sr. José Fortes: «Fíbulas e fivelas», pp. 1 sgs.

triangular, de base côncava, muito bem trabalhada, com as duas faces convexas, que mede $0^m,031$ de altura por $0^m,017$ de base e $0^m,005$ de espessura (fig. 11); um pedaço de sílex vermelho com a forma de um trapézio, alto, que mostra talhe e retoque (fig. 12).

c) **OBJECTOS DE METAL.**—Apenas appareceu um terceiro bronze romano, inclassificável como os outros dois anteriores.

d) **VESTÍGIOS DE COZINHA.**—Como anteriormente, encontravam-se ossos de animais domésticos e de caça, e conchas.

Vala n.º 4

Ficava a 10 metros da antecedente; tinha a profundidade média de $0^m,65$, sem estratificações.

a) **CERÂMICA.**—Apareciam fragmentos de barro arretino, e de louça luso-romana de barro branquiço, vermelho, ou negro.

b) **OBJECTOS DE PEDRA.**—Era: refugio de sílex; uma mó neolítica (dormente) de granito, lisa, com dimensões reduzidas.

c) **VESTÍGIOS DE COZINHA.**—Apenas recolhi alguns ossos de animais domésticos, grandes e pequenos.

Vala n.º 5

A meio da esplanada abriu-se a 5.ª vala, com a profundidade da anterior. Como esta, não tinha estratificação.

a) **CERÂMICA.**—Apareceram alguns cacos de louça dos castros. Junto deles veio parte de um colo alto, com um pedaço de bojo que se lhe seguia, de barro fumigado e lustrado, canelado, o bordo delgado, pertencendo a um vaso em forma de cantarinha.

PESOS DE TEAR.—Foram achados: um fragmento de pêso da forma de um tronco de cone, secção irregular de fabrico muito grosseiro com um furo na parte superior; um pêso de secção rectangular, com as faces laterais arredondadas, três dos quatro orificios aos cantos, e medindo $0^m,087$ por $0^m,063$; as faces maiores são rugosas e grosseiras.

PESOS DE FUSO.—Desenterrou-se um cossoiro de barro vermelho; tem a forma de duas calotes sobrepostas pelas bases, ficando para base do cossoiro um aplanamento no polo de uma das calotes. Mede $0^m,026$ de altura por $0^m,022$ de largura.

b) **OBJECTOS DE PEDRA.**—De pedra apenas se exumou uma segunda mó, lisa, pouco maior que aquella que foi encontrada na vala n.º 4. É de gneisse.

c) **VESTÍGIOS DE COZINHA.**—Havia ossos e carvões.

Vala n.º 6

Esta vala ficou perto da antecedente, num recanto feito pela muralha calcárea do Outeiro, voltada ao E., e que tem o comandamento de um parapeito, sobre a esplanada. Era de uma profundidade máxima de 0^m,30, de terra remexida.

a) CERÂMICA.—Continuava a aparecer o barro arretino, e louça de pasta fina e fumigada; igualmente apareciam fragmentos de vasos luso-romanos.

VIDRO.—Foi encontrado um pedaço de gargalo de vidro abraçado por uma série de anéis.

PESOS DE TEAR.—Foi encontrado um fragmento de pêso de secção rectangular, mostrando três dos quatro orifícios cantonais do seu tampo; mede 0^m,123 de comprimento, 0^m,09 de largura; fôra fabricado com a compressão de dois pedaços de barro unidos por compressão, como se nota pela fractura.

PENDELOQUE.—Foi encontrado um pêso amigdaliforme, de barro vermelho, a secção circular, e com as dimensões de 0^m,045 de comprimento e 0^m,03 de diâmetro transversal. Cf. com o da vala n.º 1.

b) OBJECTOS DE PEDRA.—Apareceram fragmentos de facas de sílex, de secção trapezoidal e triangular; e um pedaço de sílex translúcido, com a forma de ponta de dardo irregular.

c) OBJECTOS DE METAL.—Apenas safu um anel de bronze, lameliforme, de espessura mínima e regular, com 0^m,005 de largura; está fragmentado em três pedaços, dos quais o terceiro, menor, não appareceu. Ao lado havia um bocado de chumbo, sem forma.

Vala n.º 7

Inúteis mais sondagens da esplanada do Outeiro, desci a vertente voltada ao O. Percorri lapas e abrigos, desviei pedras, fiz outras sondagens, e nada foi descoberto. Na base de um rochedo abri a última vala. Acumulava-se aí um depósito de enxurradas. E sob a terra removida, a pequena profundidade, encontrei os últimos informes arqueológicos do Outeiro-da-Assenta.

a) CERÂMICA.—Havia: louça fina, fumigada; asas de barro da louça dos Luso-Romanos; um fundo de ânfora espessa; um bordo de ânfora, muito grosso, em forma de toro.

PESOS DE TEAR.—Encontrou-se um pedaço de pêso paralelepipedico, de orifício nos quatro cantos.

b) OBJECTOS DE PEDRA.—Aqui appareceram os seguintes objectos: uma ponta de dardo, chata, de sílex rosado, de forma triangular, com

a face inferior lisa, a superior talhada e convexa; as arestas são direitas, bem retocadas; tem o comprimento de 0^m,03, e 0^m,021 de largura; outra ponta de dardo de sílex negro, de forma triangular, a base côncava, faces convexas com vestígios de encabamento, arestas levemente arqueadas junto da ponta, e bem trabalhadas; mede 0^m,037 de comprimento e 0^m,021 de largura; uma faca de sílex branco, de secção triangular, uma das faces com incrustações calcáreas tem o comprimento de 0^m,045 (fig. 13); refugo de sílex.

c) OBJECTOS DE METAL.—Descobriu-se uma fibula pre-romana, do tipo das de Pragança, e Sabroso (fig. 14). Tem o arco de meia abertura, a mola está reduzida à primeira dobra do aro que é roliço, e anelado no ramo descendente para a cabeça. O pé mostra-se dobrado em feitiço de goteira, e a cauda que seria substituída por um prolongamento da goteira, terminado em botão como se vê em modelos de Britéiros e do Algarve¹, está apenas esboçada; não tem fusilhão.



Fig. 13



Fig. 14

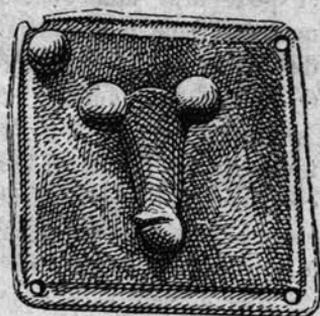


Fig. 15

Por último, apareceu uma placa de bronze da forma de um trapézio irregular; pode ter sido a chapa de um boldrié, a qual servia de insígnia prendendo-se com o auxílio de um prego em cada canto; no canto superior esquerdo vê-se o esgaçamento, por uso de má obra, do furo primitivo, que foi substituído por outro mais dentro, o qual, talvez muito posterior, conservou o único prego que resta; êste tem o fuste cilíndrico, e a cabeça esférica (fig. 15); uma canelura inscreve na chapa, como única decoração, um trapézio que tem os lados paralelos às arestas dela, e encaixilha a figura seguinte: forma-a um tronco de cone de base menor para baixo, tendo contra esta uma

¹ Cf. *Portugalia*, vol. II, artigo de José Fortes: «As fibulas do Noroeste da Península», p. 15 sgs.

esfera do diâmetro da cabeça do prego de segurança, e ladeiam a base superior boleada duas esferas iguais. A figura é presa contra a chapa, por uma hastezinha cilíndrica, de bronze. ¿O fabricante quereria ter preparado uma chapa de boldrié com uma insígnia especial, guerreira ou supersticiosa? ¿E que representará a figura? ¿Uma cabeça de touro, símbolo de fôrça e trabalho¹, ou uma cabeça de porco, animal de prestígio funerário ou talismânico?² ¿Não será um emblema fálico? Em qualquer caso há uma estilização bárbara. O fabrico pode bem ser indígena, encontrados pois tem sido, na região de Óbidos, artefactos de bronze, figuras e animais da época luso-romana e pre-romana.

Foi encontrado aqui também um prego de ferro, com pua de secção quadrangular e a cabeça em forma de pirâmide achatada.

COMENTÁRIO.—Se a documentação cronológica não é avultada, nem sistemática, permite em todo o caso algumas premissas donde se pode tirar uma conclusão provável. Há vestígios da civilização neolítica, bem manifesta em cerâmica e utensílios domésticos; há-os da civilização do bronze e da dos castros (pre-romanos e romanos). Os indícios da influência romana são claros na cerâmica e nas moedas.

Na vala n.º 1 foi provavelmente uma oficina de trabalho do sílex, tanto refugo havia na camada de entulho. A abundância de talhas com cereal e a existência, que é única no Outeiro, de pedregulhos soterrados de mistura com barro de fundos de cabana, podem levar à conclusão de haver no mesmo sítio um celeiro seguro e provido.

Nas demais escavações o fundo das valas era pequeno, e não havia mais pedras que se pudesse supor terem pertencido a aparelho de cabana. As que existissem teriam sido de madeira e colmo, em qualquer caso leves.

A população do lugar era formada por indivíduos dados à pesca de moluscos na lagoa de Óbidos, que é perto e em tempos não muito remotos se alargava consideravelmente para o interior; dedicavam-se igualmente à caça e ao pascigo de gados; tinham cultura cerealífera, e conheciam a aveia e o trigo.

Não seria numerosa a aldeia, porquanto nem o campo era grande, nem os restos do seu viver são avultados. Talvez fôsse apenas um núcleo de cabanas, que ladeassem uma oficina de trabalho de sílex e de cerâmica; ficaria com poucos modelos para seu uso, e comerciaria

¹ Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, III, pp. 514 sgs., 520.

² *Ob. cit.*, III, pp. 15 sgs.

com outros postos e estações numerosas os seus produtos industriais, acaso em troca de cereal, na região, e mais tarde com as povoações romanas, como por exemplo a dos arredores de S. Mamede de Óbidos, Rôliça e Columbeira.

Não tem vestígios de fortificação, nem a precisaria se uma simples colónia industrial era, e isolada. De mais, inacessível em parte, difícil no resto, não era difícil, e é provável, que defendessem os seus habitantes o seu retiro, alto e recolhido como uma acrópole selvagem, onde Roma entrou.

LUÍS CHAVES.

Extractos do arquivo da Paróquia de S. Pedro da Ericeira¹

A actual ermida de Santa Marta na vila da Ericeira foi edificada nos fins do século XVIII.

A primitiva ermida, já muito arruinada naquela época, foi demolida, e era construída um pouco mais para o lado do sul da actual, num terreno que fica hoje dentro do parque das Águas Medicinais de Santa Marta.

Acêrca da primitiva ermida, existe no arquivo da Junta de Paróquia de S. Pedro da Ericeira o seguinte documento:

I

Sejam t̄ conhecim.¹⁰ de bērdade os q̄ a p̄sēte byrem q̄ no ano do naçim.¹⁰ de noso S.^{or} Jhū X^o de mjlle iiij^lxxxiiij anos xj d. do mes de Junho t̄ a vjlla da eiriceira terra do S.^{or} Jhā Frrz de sousa no paaço do cōcelho estando hy llujz gllz m.^{or} t̄ a dita vjlla como Jujz allvidro aprazim.¹⁰ de p̄tes fezēdo aud.^a p̄dante elle parecerā p̄tes — a saber — g^o miz e Jō afom m.^{rs} t̄ a dita vjlla de hūa parte e outro sy gomez lleite m.^{or} t̄ esa mesma da outra. e logo pellos ditos g^o miz e Jō afom foe dito q̄ elles bēderam hūu chaão de hūu pardieiro t̄ a dita vjlla ao dito gomez lleite afora a pedra q̄ no dito pardieiro estava p̄ q̄ avjam mester pa se fazer ha Irmjda da S.^{ra} sāta m.^{1a} e q̄ ora o dito gomez lleite t̄barguava hūa boa pedra q̄ achara t̄ o dito p̄dieyro aquall era mujto p̄tēcente pā o alltar da dita S.^{ra} e sē t̄bargo

¹ [Publicam-se de novo estes documentos por terem sido truncados na paginação].